

## Camilo Castelo Branco (1825-1890)

### 1. Os romances de Camilo

<p><b>1848:</b> <i>Maria! Não me mates que sou tua mãe!</i></p> <p><b>1851:</b> <i>Anátema</i></p> <p><b>1854:</b> <i>Mistérios de Liboa</i> (em 3 vol.) <i>A Filha do Arcediago</i> <i>Um Livro*</i></p> <p><b>1855:</b> <i>Livro Negro de Padre Dinis</i></p> <p><b>1856:</b> <i>A Neta do Arcediago</i> <i>Onde Está a Felicidade?</i> <i>Um Homem de Brios</i></p> <p><b>1857:</b> <i>Lágrimas Abençoadas</i> <i>Cenas da Foz</i></p> <p><b>1858:</b> <i>Carlota Ângela</i> <i>Vingança</i> <i>Que Fazem Mulheres</i></p> <p><b>1861:</b> <i>Doze Casamentos Felizes</i> <i>O Romance Dum Homem Rico</i></p> <p><b>1862:</b> <i>As Três Irmãs</i> <i>Amor de Perdição</i> <i>Coisas Espantosas</i> <i>Coração, Cabeça e Estômago</i> <i>Estrelas Funestas</i></p> <p><b>1863:</b> <i>Anos de Prosa</i> <i>Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado</i> <i>O Bem e o Mal</i> <i>Estrelas Propícias</i> <i>Memórias de Guilherme do Amaral</i> <i>Cenas Inocentes da Comédia Humana*</i> <i>Agulha em Palheiro</i></p> <p><b>1864:</b> <i>Amor de Salvação</i> <i>A Filha do Doutor Negro</i> <i>Vinte Horas de Liteira</i></p> <p><b>1865:</b> <i>O Esqueleto</i> <i>A Sereia</i></p>	<p><b>1866:</b> <i>A Enjeitada</i> <i>O Judeu</i> (em 2 vols.) <i>O Olho de Vidro</i> <i>O Santo da Montanha</i> <i>A queda dum anjo</i></p> <p><b>1867:</b> <i>A Bruxa de Monte Córdova</i> <i>A Doida do Candal</i> <i>O Senhor do Paço de Ninães</i></p> <p><b>1868:</b> <i>Mistérios de Fafe</i> <i>O Retrato de Ricardina</i> <b><i>O Sangue</i></b></p> <p><b>1869:</b> <i>Os Brilhantes do Brasileiro</i></p> <p><b>1870:</b> <i>A Mulher Fatal</i></p> <p><b>1872:</b> <i>A Infanta Capelista</i> (destruída; aproveitada para:) <i>Carrasco de Victor Hugo José Alves</i> <i>Livro de Consolação</i></p> <p><b>1873/74:</b> <i>O Demónio do Ouro</i>, em 2 vols.</p> <p><b>1874:</b> <i>O Regicida</i></p> <p><b>1875:</b> <i>A Filha do Regicida</i></p> <p><b>1875/76:</b> <i>A Caveira da Mártir</i>, em 3 vols.</p> <p><b>1875/77:</b> <i>Novelas do Minho</i>, em 8 novelas repartidas por 12 fasc.</p> <p><b>1879:</b> <i>História e Sentimentalismo/Eusébio Macário</i> - H</p> <p><b>1880:</b> <i>Sentimentalismo e História/A Corja</i> - H</p> <p><b>1882:</b> <i>A Brasileira de Prazins</i></p> <p><b>1885/1886:</b> <i>Serões de S. Miguel de Ceide*</i></p> <p><b>1886:</b> <i>Vulcões de Lama</i></p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

### 2. O destino crítico de Camilo

(...) com as qualidades e os defeitos que apontamos, este homem [Camilo] tinha naturalmente de fundar entre nós o romance de costumes, como o fez (...). A sua gloriosa figura de predecessor próximo do naturalismo tem, pois, de ser registrada desenvolvidamente, como (...) o mais curioso documento literário do nosso tempo, simbolizando o nosso subjectivismo nacional, amostrando o nosso viver comum, os nossos costumes, o aspecto dos nossos campos, a intriga das nossas cidades, a nossa tristeza céptica e o rapto do nosso lirismo que resiste à realidade, o nosso talento de ironia e a nossa prontidão em assimilar tudo, com a nossa indolência, que nada efetua, a influência das sugestões alheias, literárias e políticas, e a revertência último ao tipo tradicional.

Assim, ninguém, como ele, poderá permitir mais que, através da diáfana confissão da sua obra, nos perscrutem, nos espiem e nos conheçam, na nossa amplitude particular e na nossa especial relatividade.

Daí provém a sua grande impressão no público que, no seu condicionalismo, com as suas indecisões e as suas teimosias, reconhece o seu carácter

#### *As modernas idéias da Literatura Portuguesa* (1892) Teófilo Braga

Na literatura portuguesa contemporânea, Camilo Castelo Branco é a mais poderosa organização estética, exercida em uma prolongada e contínua idealização, refletindo na sua obra todo o estado moral de uma época perturbada por falta de uma doutrina. Cabe-lhe a glória de ter criado um novo gênero literário – o romance burguês, fundado no conflito dos interesses domésticos e nos tipos subalternos da personalidade humana. A sua longa atividade exerceu-se sem plano, segundo as sugestões de um temperamento impressionável, obedecendo às correntes do meio social em que flutuava, sem se preocupar com o destino de suas concepções.

O inventário bibliográfico de todas as suas produções acusa também a situação do escritor, que longe de poder exercer uma direção espiritual na sociedade portuguesa, obedeceu às necessidades materiais de cada dia pondo-se à mercê das exigências dos livreiros. Pelos nomes dos editores se conhece muitas vezes a índole dos seus escritos; um F. Gomes da Fonseca exige livros religiosos; a empresa Comércio do Porto só paga romances da mais paradisíaca honestidade; a casa Moré propende para a preferência aos romances históricos; Chardron explora o escândalo, os livros de polêmica.

Estes dois excertos mostram que, em torno de finais do século XIX, era inquestionável o lugar primacial de Camilo, e que, mesmo com algumas ressalvas, ele era considerado o criador de um determinado tipo de romance – fosse este qualificado como *de costumes* ou *burguês* – e ainda, segundo Bruno, como o autor que melhor retratou certas características da realidade portuguesa.

Já a crítica literária do século XX realizou um processo de desvalorização da obra de Camilo.

#### *História Crítica da Literatura Portuguesa* (1993,1999) .

##### Prefácio

(1993) pré-romantismo, Garrett e Herculano

(1999): parte sobre o pré-romantismo bastante alargada, são introduzidos tópicos novos, entre eles a discussão sobre o tema da viagem, em que são citados vários autores: A. A. Teixeira de Vasconcelos, Francisco Maria Bordalo, António Nobre, A. P. Lopes de Mendonça, Visconde de Benalcanfor, Júlio César Machado e Pinheiro Chagas. São ainda bastante ampliadas as referências a autores que, de uma ou outra forma, são tributários do Romantismo: Alberto de Oliveira, António Nobre, Gomes Leal, Eça de Queirós, Antero de Quental, Jaime Batalha Reis, Ramalho Ortigão. São dedicadas duas páginas à presença do Romantismo na obra de Eça.

Caso único nessa *História Crítica*, a ele são dedicados dois capítulos: um no referido volume, e outro no sobre o Realismo. Dois capítulos, mas ambos de localização problemática. Um, por estar situado entre a primeira e a segunda geração romântica, coloca-o numa espécie de limbo, já que ele acabaria por não pertencer a nenhuma das três gerações em que o Romantismo é, nessa obra, dividido – a de Garrett e Herculano, a “chamada *ultra-romântica*” e a “do Romantismo *social* anterioriano”(p.20) . O outro, no volume sobre o realismo, é intitulado “Camilo e Júlio Dinis: adesões por acaso”.

Ainda sobre Camilo e Júlio Dinis

### *Perspectiva histórica da ficção portuguesa (das origens ao século XX)*

Gaspar Simões, se considera que Camilo e Júlio Dinis são os criadores do romance português, precursores do romance moderno (criado pela geração de Eça) Merece analisar o trecho em que isso é afirmado:

Não há paralelo possível entre Camilo e Júlio Dinis. (...) Se o primeiro ainda olha para o passado, tolhido por atavismos que o romantismo agravaria (...) o segundo já olha para o futuro, e, se o não podemos considerar um dos maiores romancistas portugueses, é que a prematura morte lhe não deu tempo a realizar-se e a superar as feminilidades de uma sensibilidade por assim dizer adolescente. (p.122)

Ao longo de todo o século XX Camilo foi visto como romântico, ou mesmo ultrarromântico, enquanto Eça seria realista e moderno. Voltarei a isto quando analisarmos *O primo Basílio*.

Já no nosso século, o primeiro número da quinta série do *Boletim Casa de Camilo* indica, entre livros e artigos, 250 obras críticas publicadas.

### **3. Amor de perdição: algumas edições contemporâneas**

*Amor de perdição*, de 1862

A edição estandarte – INCM

Feita a partir da quinta edição de 1879

Página de rosto, com subtítulo e epígrafe

Dedicatória

Explicação da dedicatória

Prefácio da segunda edição

Prefácio da quinta edição

Introdução

Os capítulos

É uma edição que guarda não só a integralidade do romance, mas também todos os “anexos” que o autor a ele acrescentou durante a sua vida

Edição on line da Universidade da Amazônia

Sem epígrafe e sem notas

6 «Hoje então!...» Vou-lhes contar um lance memorando de um filósofo da actualidade, lance único pelo qual eu fiquei conhecendo a pessoa. Hoje (21 de Setembro de 1861) estava eu no escritório do ilustre advogado Joaquim Marcelino de Matos, e um cliente entrou, contando o seguinte: – «Senhor doutor, eu sou um lojista da rua de\*\*\*; e fui roubado em oitocentos mil réis por minha mulher, que fugiu com um amante para Viana. Venho saber se posso querelar, e receber o meu dinheiro.» – Pode querelar, respondeu o advogado, se tiver testemunhas. O senhor quer querelar por adultério? – Responde o queixoso: «O que eu quero é o meu dinheiro.» – Mas, redargui o consultor, o senhor pode querelar de ambos, dela como adúltera, e dele como receptor do furto. – «E receberei o meu dinheiro?» – Conforme. Eu sei cá se ele tem o seu dinheiro?! O que sei é que não pode pronuncia-la a ela como ladra. – «Mas os meus oitocentos mil réis?!» – Ah! o senhor não se lhe dá que a sua mulher fuja e não volte? – «Não, senhor doutor, que a leve o diabo; o que eu quero é o meu dinheiro.» – Pois querele de ambos e veremos depois. – «Mas não é certo receber eu o meu dinheiro?!» – Certo não é; veremos se, depois de pronunciado, as autoridades administrativas capturam o ladrão com o seu dinheiro. – «E se ele o não tiver já?» – redargui o marido consternado. – Se o não tiver já, o senhor vingará-se na querela por adultério. –

«E gasta-se alguma coisa?» – Gasta, sim; mas vingá-se. – «O que eu queria era o meu dinheiro, senhor doutor; a minha mulher deixá-la ir, que tem cinquenta anos.» – Cinquenta anos! – acudiu o doutor. – O senhor está vingado do amante. Vá para casa, deixe-se de querelas, que o mais desgraçado é ele. (p.85)

#### 4. *Amor de Perdição*

##### Prefácio à quinta edição

Publiquei, há vinte e dois anos, o romance *Onde Está a Felicidade?* Pouco depois, Alexandre Herculano, republicando as *Lendas e Narrativas*, escrevia na advertência: «...Nestes quinze ou vinte anos criou-se uma literatura, e pode dizer-se que não há ano que não lhe traga um progresso. Desde as *Lendas e Narrativas* até o livro *Onde Está a Felicidade?*, que vasto espaço transposto?»

Se comparo o *Amor de Perdição*, cuja 5ª edição me parece um êxito fenomenal e extralusitano, com *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio*, confesso, voluntariamente resignado, que para a esplendor destes dois livros foi preciso que a Arte se ataviasse dos primores lavrados no transcurso de dezasseis anos. O *Amor de Perdição*, vista à luz eléctrica do criticismo moderno, é um romance romântico, declamatório, com bastantes aleijões líricos e umas ideias celeradas que chegam a tocar no desaforo do sentimentalismo. Eu não cessarei de dizer mal desta novela, que tem a bocal inocência de não devassar alcovas, a fim de que as senhoras a possam ler nas salas, em presença de suas filhas ou de suas mães, e não precisem de esconder-se com a livro no seu quarto de banho. Dizem, porém, que o *Amor de Perdição* fez chorar. Mau foi isso. Mas, agora, como indemnização, faz rir: tornou-se cômico pela seriedade antiga, pela raposinha<sup>1</sup> que lhe deixou o ranço das velhas histórias do Trancoso<sup>2</sup> e do padre Teodoro de Almeida<sup>3</sup>.

E por isso mesmo se reimprime. O bom senso público relê isto, compara com aquilo, e vingá-se barrufando com frouxos de riso realista as páginas que há dez anos aljofarava com lágrimas românticas.

Faz-me tristeza pensar que eu floresci nesta futilidade da novela, quando as dores da alma podiam ser descritas sem grande desaire da gramática e da decência. Usava-se então a retórica de preferência ao calão. O escritor antepunha a frequência de Quintiliano<sup>4</sup> à do Colete Encarnado. A gente imaginava que os alcouces não abriam gabinetes de leitura e artes correlativas. Ai!, quem me dera ter antes desabrochado hoje com os punhos arregaçadas para espremer o pus de muitas escrófulas à face do leitor! Naquele tempo enflorava-se a pústula; agora, a carne com vareja pendura-se na escápula e vende-se bem, porque muita gente não desgosta de se narcisar num espelho fiel.

Pois que estou a dobrar a cabo tormentório da morte, já não verei onde vai desaguar este enxurro que rola no bojo da Ideia Novíssima. Como a honestidade e a alma da vida civil e o decoro é o nó dos liames que atam a sociedade, lembra-me se vergonha e sociedade ruirão ao mesmo tempo por efeito de uma grande evolução rigolboche. A lógica diz isto; mas a Providência, que usa mais da metafísica que da lógica, provavelmente fará outra coisa. Se, par virtude da metempsicose, eu reaparecer na sociedade do século XX, talvez me regozije de ver outra vez as lágrimas em moda nos braços do retórica, e esta 5ª edição do *Amor de Perdição* quase esgotada.  
S. Miguel de Seide, 8 de Fevereiro de 1879

“Naquele tempo enflorava-se a pústula”: há uma pústula que era escondida pelas flores.

O que se esconde por debaixo do amor de Teresa, Simão e Mariana?

<sup>1</sup> “Diz-se de erva rasteira” SILVA BASTOS, *Dicionário etimológico, prosódico e ortográfico*. Lisboa: Parceria Anónio Pereira, 1928. p. 1152 / raposinar: “usar de malícia”

<sup>2</sup> Gonçalo Fernandes Trancoso *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (1575)

<sup>3</sup> 1722- 1804. *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna* (1779)

<sup>4</sup> Professor de retórica romano (35-95)